

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

TANIA ROCHA DE PRÁ

TEATRO NA COMUNIDADE – UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Artes, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. Everton Ribeiro

MATINHOS

2013

TEATRO NA COMUNIDADE – UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Tania Rocha De Prá¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo relatar como o teatro pode contribuir para a autonomia da criança em situação de risco, a partir de uma proposta de intervenção nomeada “Teatro na Comunidade Albatroz”. Para a realização dessa intervenção, fez-se necessário uma pesquisa prévia do público-alvo – a partir de observação *in-loco*, nos espaços da comunidade. Iniciou-se, então, a construção de uma intervenção a partir de atividades de dramatização com um grupo de seis crianças e adolescentes. A intervenção contribuiu para que fosse permitida – aos participantes – a reavaliação dos espaços em que estão inseridos, possibilitando por fim que se tornassem conscientes da amplitude de seus corpos e de suas ações para uma autonomia que trouxesse transformações para a sua realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Dramatização, crianças em situação de risco, desvelamento, comunidade.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada foi desenvolvida em uma comunidade no Balneário Albatroz, localizado na cidade de Matinhos, no Paraná. Após alguns anos morando na comunidade, percebi o distanciamento dos pais na vida escolar dos filhos, a forte evasão escolar, a gravidez precoce, a dependência química e o furto pelos usuários. Isto gerou em mim uma inquietação em relação ao futuro das crianças desta comunidade e procurei uma maneira de intervir com jogos dramáticos e teatrais nesta realidade. Não é minha intenção em momento algum, ser a “salvadora” dessas crianças, mas sim fazer uma interação junto às mesmas, mostrando que há várias maneiras de lazer e de caminhos para uma autonomia.

O princípio da pesquisa para desenvolver este trabalho foi meu Projeto de Aprendizagem², doravante denominado PA, ao longo de minha formação no Curso de Licenciatura em Artes desde 2009, na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. O setor possui um Projeto Político Pedagógico que prevê a promoção da educação pública integrada visando o desenvolvimento sustentável da região litorânea. A

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

² Os estudantes desenvolvem projetos de acordo com os seus interesses, orientados por professores que os estimulam e desafiam objetivando o desenvolvimento de processos de aprendizagem, denominados Projetos de Aprendizagem que é um módulo da grade curricular.

proposta pedagógica da UFPR Litoral é baseada em projetos e desenvolvida junto às comunidades locais para contribuir no desenvolvimento científico, econômico, ecológico e cultural da região. O PA permite que os estudantes construam conhecimento de maneira integrada com outros módulos da grade curricular, percebendo criticamente a realidade.

O objetivo desta pesquisa foi avaliar a proposta de ensino de teatro como propulsor de autonomia e transformador da realidade da comunidade citada. A investigação é fundamentada na proposta da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, e dos Jogos Teatrais, de Viola Spolin. Essa opção está sustentada no fato de que, segundo Augusto Boal, “o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa” (BOAL, 1980, pg. 72).

Para a realização dessa intervenção, fez-se necessário uma pesquisa prévia do público-alvo – a partir de observação *in-loco*, na Escola Municipal Pastor Elias Abraão, no balneário Perequê, nas proximidades da comunidade, bem como dentro desta. Surgiu então, a intenção de intervir no cotidiano a partir de atividades de dramatização. Inicialmente, contou-se com um grupo de seis crianças e adolescentes – número esse que foi variável no decorrer das atividades, inclusive devido às situações de risco que os integrantes corriam. A situação de risco aqui referida consiste em: filhos de pais viciados em drogas, presidiários, mães e/ou avós alcoólatras e alienados quanto à educação e cuidados com os filhos.

Tal intervenção teve por objetivo principal acolher crianças de diferentes idades num mesmo espaço – em especial as que faziam parte do então já identificado grupo de risco, em fase escolar, com variação de idades entre 5 e 13 anos; desenvolver atividades de dramatização; possibilitar a identificação de qual contribuição que os jogos dramáticos proporcionam para essas crianças em sua construção como indivíduo; observar e registrar em forma de fotos e relatos a autonomia desenvolvida, a necessidade de compartilhar e a descoberta, então, para sua cidadania. A intenção da proposta era contribuir com os participantes na reavaliação dos espaços em que estão inseridos, possibilitando por fim que se tornassem conscientes da amplitude de seus corpos e de suas ações para uma autonomia.

JUSTIFICATIVA

Há alguns moradores da comunidade que estão na comodidade, adaptados e imersos na engrenagem do sistema dominador. Envolvidos com eles mesmos nas esquinas, ouvindo músicas com letras que incitam a população contra a polícia e que salientam as formas femininas de maneira vulgar – mesmo porque não lhes foi apresentado nenhum outro estilo de música que fuja desse padrão. É nesse mesmo espaço que as crianças jogam bolinhas de gude e pulam corda, enquanto outros adultos e adolescentes usam drogas. As crianças preferem, então, ir à igreja – ou por não terem opção de lazer ou por não se reconhecerem no contexto das esquinas.

Após todo esse diagnóstico, iniciei oficinas de jogos teatrais na Igreja do Evangelho Quadrangular – Capela Albatroz, em agosto de 2012, em Matinhos. A ideia das oficinas surgiu depois de participarmos do módulo de Apropriação e Prática de Ensino de Teatro, em que os professores Alaor de Carvalho e Everton Ribeiro, desenvolveram com a turma de Licenciatura em Artes (2009), os jogos teatrais de Viola Spolin como metodologia de ensino de teatro, no primeiro semestre de 2012.

Nos jogos teatrais há regras a serem seguidas, diferente das brincadeiras. Estabelece-se um acordo antes dos jogos começarem que deve ser respeitado. No jogo teatral todos devem fazer de conta, criando uma situação imaginária, em que o grupo pode se dividir em atores e público. Assim, quando os atores jogam são observados pelos demais que assumem a função de público. Os jogadores devem ser ora público, ora atores, fazendo a experimentação para a construção da cena ou personagem. Seguindo esta vertente Koudela nos diz que:

Na ontogênese, o jogo dramático (faz-de-conta) antecede o jogo teatral. Esta passagem do jogo dramático ao jogo teatral, ao longo do desenvolvimento intelectual da criança, pode ser explicada como "uma transição muito gradativa, que envolve o problema de tornar manifesto o gesto espontâneo e depois levar a criança à decodificação do seu significado, até que ela o utilize conscientemente, para estabelecer o processo de comunicação com a plateia" (KOUDELA, 1992, p.45).

Os jogos teatrais são direcionados de um sujeito para o outro ou para o grupo, a partir da ação improvisada e os papéis de cada um podem ser ou não preestabelecidos, e surgem de interações que ocorrem durante o jogo. O objetivo dos jogos

é o processo de desenvolvimento cultural e pessoal dos jogadores através do domínio e interação produzida pela linguagem teatral sem a preocupação com resultados estéticos cênicos pré-concebidos ou artisticamente planejados e ensaiados.

Nessa teoria, o ensino representa, então, o meio através do qual o desenvolvimento avança; em outras palavras, os conteúdos socialmente elaborados do conhecimento humano e as estratégias cognitivas necessárias para sua internalização são evocados nos aprendizes segundo seus "níveis reais de desenvolvimento" (VYGOTSKY, 1991, p. 87).

A finalidade dos jogos é a construção que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre sujeitos mediados pela linguagem teatral, que se encontram voltados para uma solução cênica exigida no momento da ação teatral.

Esta pesquisa espera que a experimentação, a partir destas metodologias de ensino de teatro, contribua para as possibilidades de interação entre Teatro e Educação. A investigação nos traz dados que podem contribuir para o desenvolvimento cultural do ser humano. Segundo Vygotsky, "a memória da criança mais velha não é apenas diferente da memória das crianças mais novas, afinal a memória em fases iniciais é uma das funções psicológicas centrais em qual se constroem as outras funções" (VYGOTSKY, 1991 p.360).

Para a criança pequena, pensar significa lembrar, enquanto que para os adolescentes lembrar significa pensar. Por isso a importância da mediação e dos jogos teatrais que podem auxiliar esses jovens da comunidade na construção do seu "eu" como sujeito crítico no contexto social e atual. Independente de suas escolhas, aqueles jovens conseguem perceber a mesmice e a falta de oportunidades ou infortúnios da vida, no entanto não desenvolvem um processo de autoconhecimento.

A verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos. Poder-se-ia dizer que a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento. (VYGOTSKY, 1991, p.3).

A experiência vivida com as crianças de organização, construção, de educação, de estética, apesar de alguns pontos negativos, aconteceu. O fato de ocorrido com duas irmãs que faziam parte dos jogos (tiveram que ir embora - em fuga com a família à noite, devido à dívida do pai com traficantes, ameaçado então de morte)

abalou muito o grupo por estarmos apegadas umas com as outras. Neste sentido poderíamos refletir sobre as palavras de Marcia Pompeo Nogueira, que trabalhou teatro com meninos e meninas de rua, que nos diz que “a fantasia dá a distância necessária para encarar opções de vida, refletir sobre o presente e imaginar alternativas para o futuro” (NOGUEIRA, 2008).

Os encontros voltaram a acontecer em maio desse ano. Do grupo anterior ficaram três meninas e entraram seis novos integrantes, um menino de sete anos e um adolescente de treze anos e quatro meninas.

EXPERIÊNCIA E AÇÃO PEDAGÓGICA

Durante a oficina ocorreram dez encontros entre os meses de agosto a novembro de 2013, que resultaram em quatro peças teatrais e um musical, que foram apresentadas na igreja. Em nenhum momento foi objetivo dessa pesquisa, construir ou apresentar algum espetáculo, mas após alguns encontros as crianças se empolgaram pela possibilidade de fazermos uma apresentação teatral e insistiram muito para isso acontecer. Então tivemos as peças: Procura-se um Pai; O pecado é doce; A luta em o bem e o mal, A Páscoa e o musical Dia das Mães.

Nos dois primeiros encontros tivemos muita timidez e constrangimento, mas a partir do terceiro, todas as meninas estavam à vontade, desenvolvendo os jogos com desenvoltura e criatividade. Duas delas, as mais tímidas, mudaram o comportamento: antes, durante as rodas, de conversa, não se ouvia a voz delas e agora elas se expressam sem nenhuma timidez, pelo contrário, estão mais desinibidas e felizes.

Durante os primeiros encontros, tivemos sete meninas entre seis e treze anos e uma mulher adulta de 45 anos, e foi a que chamou mais atenção. A mulher – que chamaremos de Maria – teve muita dificuldade em entender e participar dos jogos. Todas as crianças tiveram mais rapidez, inteligência e criatividade do que a adulta. Iniciamos cada uma das oficinas com alongamentos e aquecimento vocal, para em seguida realizar os jogos.

Os jogos desenvolvidos foram:

- 1) **Apresentação com um gesto:** cada um que se apresentava falava seu nome e fazia um movimento. No início todas estavam travadas, mas no decorrer dos jogos foram interagindo;
- 2) **Jogo do espelho:** tem por objetivo ajudar o jogador a ver com o corpo todo; refletir e não imitar o outro; então, o seu foco está repetir perfeitamente o gerador de movimentos. Para isso, o grupo deve ser dividido em duplas. Um jogador fica sendo o A e o outro B. Todos jogam simultaneamente, sendo que o A fica de frente para o B, e repete todos os movimentos iniciados por esse – dos pés à cabeça, inclusive expressões faciais. Após algum tempo, inverte-se as posições, para que o B também reflita. Os jogadores devem ficar atentos para que o espelho reflita de fato e também para que os movimentos escolhidos por aquele que inicia não sejam previsíveis, a ponto do espelho – mesmo que sem querer – presume o que será feito.
- 3) **Jogo de adivinhação com mímica:** em que a criança faz uma mímica e a plateia tem que adivinhar a ação;
- 4) **Parte de um todo, profissão:** nesse jogo, que se tem por objetivo definir um personagem com comportamento característico e o foco em tornar-se parte de um todo na atividade profissional, o grupo (de 5 ou 6 jogadores) deve entrar em acordo sobre quem será o primeiro jogador, que secretamente escolhe uma profissão e inicia uma atividade relacionada com ela. Os outros jogadores entram um de cada vez como personagens definidos e iniciam ou já entram com uma atividade relacionada à profissão – mesmo sem saber qual foi a escolha do primeiro jogador, os demais devem deduzi-la e fazer atividades que colaborem com a profissão escolhida/cenário. É importante que não se verbalize - somente se faça mímica;
- 5) **Street Fighter:** nesse jogo deve-se, ao comando do mediador, fazer movimentos como os de luta e com sons com a boca, como: zip (movimento para direita,), zap (movimento para esquerda), toduche (pula o colega). Foi por nós assim chamado, devido aos sons e movimentos que se faz no decorrer da atividade;
- 6) **Dança da raposinha:** para a realização dessa atividade, basta que os participantes façam movimentos de acordo com música;
- 7) **Tome essa faca:** para a realização desse jogo é utilizado uma caneta para representar a faca. Decide-se uma pessoa para começar o diálogo. A pessoa que iniciar, escolhe alguém e diz: Tome essa faca. O outro responde: Essa faca tem ponta? Ao que o próximo responde – com a mesma entonação da voz e sentimento - tem sim senhor. E durante o diálogo entre duplas, muda-se o sentimento, a forma/entonação de se falar, ao comando do mediador (como amor, ódio, tristeza, alegria e desprezo).
- 8) **Caixa mágica:** neste jogo os participantes inventam a história a partir de um objeto tirado – aleatoriamente - de uma caixa previamente organizada com objetos pelo mediador.
- 9) **Jogo de dramatização de sentimentos:** Muito similar ao jogo 7, nesse os participantes também deve mudar a forma de se expressar de acordo com o sentimento solicitado pelo mediador. Com o diferencial de que

nesse os participantes ficam andando pelo espaço, e ao comando do mediador encontram o olhar do colega e dizem: “Você?”; volta-se a andar e ao encontrar com o olhar do colega novamente, ao comando do mediador, dizem: “A jaca é amarela?”; novamente volta-se a andar e espera-se pelo comando do mediador assim como feito anteriormente e, chegada a hora dizem: “Coce a barriga”. Eis que aí, termina um ciclo de sentimentos e começa-se tudo de novo.

É válido ressaltar que esse último jogo foi um dos mais apreciados por todos os participantes. E que, como já relatado, a prática de todos causaram benefícios ao grupo, levando-os a serem mais expressivos. No entanto, surgiram também alguns excessos de segurança, como por exemplo, o ocorrido com uma participante, que, num determinado momento, expressou-se com segurança excessiva dizendo: “Ah, eu faço qualquer papel!”, atitude essa que acabou por deixar os demais participantes introspectivos. Sendo então necessária a realização de um trabalho sobre o “eu e o outro”, bem como o valor de cada um. Para isso, lançamos mão do exercício chamado de “Experiência do homem banana”.

A realização da experiência do homem banana se deu a partir do momento em que percebi que o grupo – em especial a participante citada – precisava dar-se conta do valor de cada um. Para isso, contei-lhes a seguinte história: “Havia um homem que desejava muito ser alto escalão no exército. Estava sempre pisando sobre os outros para alcançar os poderes que desejava. Numa certa ocasião, foi chamado para participar de uma guerra. Ele foi muito empolgado, pois sabia que se voltasse com vida seria eternamente homenageado. Pensando nisso, foi com todas as suas forças. No entanto, para seu desencanto, no primeiro dia de ação, acabou sendo metralhado e ficou bastante ferido. Perdendo então uma perna, um braço e ainda tendo furado um olho. Voltou para casa com vida, mas sem menções honrosas, sem alguns membros e sem os títulos que tanto almejava”³.

Após contar essa história, afirmei que tinha conseguido que esse homem visse conversar com elas e contar um pouco sobre sua experiência de vida, já que é isso que ele faz hoje em dia para passar o tempo. Todos os participantes ficaram

³ Essa história eu adaptei a partir da experiência de um amigo em um retiro da igreja.

aflitos e ao mesmo tempo ansiosos. Desejavam conhecer esse homem nem que fosse somente por curiosidade.

Passaram-se dois encontros, quando eu finalmente disse que o homem viria naquele dia. Expliquei que, apesar de gostar de desenvolver esse trabalho, ele é uma pessoa que sofre muito com isso tudo e que tinha ficado envergonhado de mostrar seu corpo como ele é e por isso, havia solicitado que os participantes usassem vendas para vê-lo/tocá-lo. Todos concordaram. Sendo assim, um a um tocou – vendados e individualmente – no suposto homem com suas marcas, que na verdade era uma pessoa sem marca física alguma que colaborou para que tudo desse certo. Dobrou um braço e uma perna, contraiu os músculos do pescoço para parecer que eram queimaduras e para demonstrar o olho, usamos uma banana. Com certeza as sensações sentidas por cada um foram as mais diversas e após todos terem passado pela experiência, solicitei que sentassem e tirassem as vendas. Foi quando descobriram que o homem não existia. A partir disso, exploramos o valor de cada um e a importância de valorizar o outro e suas habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se ao longo dos dias trabalhados com o grupo que as transformações foram bastante significativas. Às vezes, a olhos nus ou no “todo” da comunidade, poderiam passar despercebidas, no entanto dentro do grupo, entre os participantes, tudo ficou bastante notável. Dentre essas, a mudança de atitude da participante de 6 anos – que no princípio não participava de nada e em todos os cultos (momento em que realizávamos algumas atividades no pátio da igreja) acabava por dormir. A partir do momento que conseguimos fazer com que ela participasse de um primeiro encontro, nunca mais deixou de frequentá-los, tornando-se expressiva e inclusive participando do teatro como um dos personagens principais. Já a participante com segurança excessiva, passou por diferentes fases, indo da timidez à expansão excessiva, chegando a um equilíbrio após as últimas atividades sobre o valor de cada um. Os demais participantes tornaram-se mais expressivos e motivados a viverem de uma forma diferente do que se via “nas esquinas”, como já citado nesse trabalho.

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. (FREIRE, 1996, p. 76).

Apesar dos resultados positivos, devido à realidade de periculosidade que essa comunidade vive, o grupo acabou se dispersando – seja devido às mudanças/fuga, seja por desistência porque a amiga não mais participaria. No entanto, frutos foram plantados e atualmente, já se deu início a um novo grupo, o que me faz perceber que a semente plantada nessa comunidade está sendo produtiva e os grupos participantes, será assim como em outras experiências sociais, constantemente renovados – é mais um ciclo de passagem da vida da comunidade.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **Teatro com meninos e meninas de rua**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

